

A CONSTITUIÇÃO DO CONCEITO DE MÔNADA

Michel Fichant

UNIVERSIDADE DE PARIS IV - SORBONNE

Entendo aqui por constituição dois aspectos conexos: a constituição sistemática, ou o que faz a consistência de um conceito em um corpo doutrinal, e a constituição genética, ou como um conceito se forma em um trabalho de conceitualização, para responder a problemas.

Do primeiro ponto de vista, o conceito de mônada está associado a uma tese ontológica forte, que chamarei a tese monadológica (TM). Esta é formulada em termos convergentes nas primeiras linhas de dois opúsculos de 1714:

“Monadologia”: 1. A Mônada, da qual falaremos aqui, outra coisa não é que uma substância simples, que entra nos compostos; simples, quer dizer sem partes [...] 2. E é preciso que haja substâncias simples, visto que há compostos; pois o composto outra coisa não é que um amontoado ou *aggregatum* dos simples.

Princípios da Natureza e da Graça (PNG): 1. A substância é um ser capaz de ação. Ela é simples ou composta. A substância simples é aquela que não tem partes. A composta é a reunião das substâncias simples, ou das mônadas. Monas é uma palavra grega que significa a unidade, ou o que é uno. Os compostos, ou os corpos, são mul-

tiplicidades; e as substâncias simples, as vidas, as almas, os espíritos são unidades. É preciso que haja substâncias simples por toda parte, porque sem os simples não haveria compostos.

A tese monadológica coloca duas afirmações de existência:

1. Uma é fenomenologicamente certa, e diz respeito, em toda generalidade, ao dado: *há compostos*. Este dado é aquele do que usualmente chamamos corpos.
2. A outra é concluída, por inferência da precedente: *há substâncias simples ou mônadas*.

O cerne da tese, que sustenta a inferência de 1 a 2, repousa em uma proposição quase axiomática: *Sem os simples não haveria compostos*.

Formalmente, o dispositivo reduz-se a um esquema elementar de *modus ponens*:

M1. Se há compostos, há substâncias simples.

M2. Ora, há compostos.

M3. Portanto, há substâncias simples.

Pode-se também escrever a variante:

M1. Se há corpos, há substâncias simples.

M2. Ora, há corpos.

M3. Portanto, há substâncias simples.

Ou ainda esta:

M1. Se há multiplicidade, há unidades.

M2. Ora, há multiplicidades.

M3. Portanto, há unidades.

Em todos os casos, TM é sustentada pela maior M1. A identidade de significação das três variantes repousa sobre as equivalências: substâncias simples = unidades = mônadas; compostos = corpos = multiplicidades.

Contudo, a utilização conjunta dos dois textos da *Monadologia* e dos PNG suscita uma questão suplementar: PNG põe a existência de dois tipos de substâncias: as substâncias simples e as substâncias compostas. O texto da *Monadologia* não utiliza “compostos” senão como um adjetivo nominalizado, mas evita cuidadosamente fazer dele o adjetivo qualificando a substância; na *Monadologia*, as substâncias são apenas as substâncias simples. Essa questão terminológica recobre uma questão ontológica: os corpos são ou não substâncias? PNG responde pela afirmativa, a *Monadologia* sugere a resposta negativa. É, se se quiser, no contraponto da tese monadológica, o que se pode chamar o problema monadológico maior. Não é certo que Leibniz o tenha resolvido, nem mesmo que tenha querido fazê-lo: talvez ele tenha preferido guardar uma margem de indeterminação autorizando o emprego das duas soluções conforme os contextos.

Do ponto de vista da constituição genética, a exploração do problema da substancialidade dos corpos precedeu a fórmula da tese monadológica. Seria um erro grave pensar que a TM sempre foi sustentada por Leibniz na filosofia de sua maturidade. A esse respeito, um texto como o *Discurso de metafísica* (DM) é particularmente característico: nele, a questão da substancialidade dos corpos está colocada, mas a tese monadológica está totalmente ausente. Conforme já exposto por mim em artigo publicado na revista *Analytica*¹, a substância individual do DM não é a mônada. Ao lado da substância individual (caracterizada por sua noção completa pelo que se chama a teoria lógica da substância), o DM justifica a reabilitação das formas substanciais para definir como os corpos também podem ser substâncias, na hipótese de o serem. Mas nem do lado da substância individual, nem do lado da forma substancial, intervém o argumento que põe em jogo as multiplicidades e as unidades, os compostos e os simples.

É o desenvolvimento das respostas suscitadas pelas interrogações de Arnauld (na segunda fase da Correspondência e uma vez encerrada a discussão sobre a noção completa da substância individual) sobre o sentido da reabilitação das

(1) *Analytica*, Vol. 5, nº 1-2, 2000 – pp. 11-34.

formas substanciais que provocará a formulação da tese monadológica. A carta de 30 de abril de 1687 assinala o momento em que Leibniz reconheceu como sua a caracterização de substância que Arnauld havia revelado nos textos em que ela era tacitamente assumida, sem ser ainda expressamente formulada: “A substância demanda uma verdadeira unidade”², “...não concebo nenhuma realidade sem uma verdadeira unidade”³. Desde então a unidade do ser toma definitivamente o lugar da completude da noção, e a tese monadológica fundamental pode ser enunciada pela primeira vez, bem antes do recurso à denominação de “mônada”. Deixando de lado as definições escolásticas, é preciso doravante “tomar as coisas de [uma perspectiva] bem mais elevada”, no nível da relação do uno e do múltiplo, tema que uma série de formulações dotará de suas variações:

Todo ser por agregação supõe seres dotados de uma verdadeira unidade, porque ele não haure sua realidade senão daquela daqueles dos quais ele é composto...

Se há agregados de substâncias, é preciso que haja também verdadeiras substâncias das quais todos os agregados são feitos.

Não há multiplicidade sem verdadeiras unidades.

O plural supõe o singular⁴.

(2) GP II, p. 96. As abreviações aqui empregadas, com as respectivas edições, são: FC: “*Leibniz: œuvres*” (Careil, F., Paris, 1858-1875), citado como FC, Vol., p. GM: “*Mathematische Schriften*” (Gerhardt, George Olms Verlag, Hildesheim, 1971), citado como GM, Vol, p. GP: “*G. W. Leibniz – Die philosophischen Schriften*” (Ed.: Gerhardt, C, I., George Olms Verlag, Hildesheim, 1996), citado como GP, Vol, p. Ak: “*Sämtliche Schriften und Briefe*” (Deutschen Akademie der Wissenschaften zu Berlin), citado como Ak, série, vol.

(3) Id., p. 97

(4) GP II, pp. 96-97.

É que se sustentou desde sempre que o ser e o uno são recíprocos: “Tenho por um axioma esta proposição idêntica, que não é diversificada senão pela ênfase: *que o que não é verdadeiramente um ser tampouco é verdadeiramente um ser*”⁵. O axioma idêntico *Um ser = um Ser* substitui-se doravante ao *praedicatum inest subjecto* para fornecer o fio condutor da análise da substancialidade.

Não se trata mais de correlacionar um corpo à sua forma substancial única como a seu “princípio de identidade” (*DM*, art. xii), mas de remontar da multiplicidade que cada corpo-agregado envolve às verdadeiras unidades que essa multiplicidade supõe. As partes do composto possuem a unidade que delas faz Seres, das quais o composto haure por delegação o que ele próprio tem de real. Se o emprego da palavra “parte” encerra ainda aqui um equívoco, é claro, contudo, que a unidade real de que gozam essas partes, e que as torna indivisíveis, já as exclui de uma relação usual de composição por partes homogêneas ao seu todo. Que serão então essas unidades? Uma disjunção em quatro termos esgota todas as possibilidades teóricas:

É preciso então chegar necessariamente ou aos pontos de matemática dos quais alguns autores compõem a extensão, ou aos átomos de *Epicuro* ou do *Sr. Cordemoy* ..., ou então é preciso confessar que não se encontra nenhuma realidade nos corpos, ou enfim é preciso reconhecer algumas substâncias que tenham uma verdadeira unidade”⁶.

As duas primeiras soluções estão excluídas: o contínuo não é composto de pontos, e o átomo dos físicos é contraditório. Não resta, portanto, senão a alternativa segundo a qual ou bem não há realidade nos corpos, ou bem há verdadeiras unidades, que se continuará a designar como formas substanciais, e até mesmo como “substâncias corporais dotadas de uma verdadeira unidade”⁷. Uma ontolo-

(5) Id., p. 97.

(6) Id., p. 96.

(7) Id., p. 97.

gia em dois níveis pode então ser esboçada: o composto é “um ser de imaginação ou de percepção, quer dizer, um fenômeno”⁸, quiçá, segundo as fórmulas de Demócrito, de opinião ou convenção (*opinione, lege*), cuja unidade não é senão aquela de um nome⁹, “mas isso serve apenas para resumir nossos pensamentos”¹⁰; fazer dele uma substância seria realizar indevidamente abstrações do espírito¹¹. As verdadeiras substâncias são, portanto, outra coisa: “seres consumados, dotados de uma verdadeira unidade”¹².

O Sistema novo da natureza e da comunicação das substâncias, publicado por Leibniz em 1695, explora diretamente as aquisições da segunda fase da Correspondência com Arnauld: texto de transição, ele já não é o *Discurso de metafísica*, e ainda não é a *Monadologia* ou os *Princípios da Natureza e da Graça*. Para a clareza da análise, convém distinguir dois momentos, mesmo se o texto os compõe intimamente um com o outro: de uma parte, a apresentação de uma fórmula nova do argumento de reabilitação das formas substanciais, – de outra parte, o desenvolvimento das comparações da unidade substancial com as idealidades matemáticas da unidade aritmética e do ponto geométrico.

Ainda estamos bem próximos das fórmulas da carta a Arnauld de 30 de abril de 1687¹³, quando Leibniz apresenta, indo de encontro à história tal como ela realmente tinha se passado, a retomada das formas substanciais como trazendo uma resposta à demanda por “verdadeira unidade”, ao passo que, inversamente, é antes para dar uma justificativa nova a seu uso já adquirido que ele foi conduzido a formular esta demanda:

(8) Id., p. 96.

(9) Id., p. 101.

(10) Id., p. 96.

(11) Id., p. 101.

(12) Id. *ibid.*

(13) GP II, p. 96.

“...após muita meditação¹⁴, apercebi-me de que é impossível encontrar os princípios de uma verdadeira unidade unicamente na matéria ou em algo que é somente passivo, visto que tudo aí é apenas uma coleção ou amontoado de partes até o infinito. Ora, a multiplicidade não pode haurir sua realidade senão das unidades verdadeiras, que têm outra origem e são bem distintas dos pontos, dos quais se sabe que o contínuo não poderia ser composto; assim, para encontrar essas *unidades reais*, fui constrangido a recorrer a um átomo formal, visto que um ser material não poderia ser ao mesmo tempo material e perfeitamente indivisível, ou dotado de uma verdadeira unidade. Foi preciso então reinvocar e como que reabilitar as *formas substanciais*, tão desacreditadas hoje em dia, mas de uma maneira que as tornasse inteligíveis e que separasse o uso que se deve fazer delas do abuso que delas se fez. Achei então que sua natureza consiste na força, e que disso se segue algo de análogo ao sentimento e ao apetite; e que assim era preciso concebê-las à imitação da noção que temos das *almas*”¹⁵.

O encadeamento parece límpido, e como que associando sem choque fórmulas que invocam familiarmente umas às outras: a substância reclama uma unidade indivisível que, não se encontrando na matéria, reside em um “átomo formal”: eis a forma substancial plenamente (re)encontrada! Mas o essencial para Leibniz está alhures, na resposta aqui trazida para as perplexidades que podiam suscitar o artigo precedente *Sobre a reforma da filosofia primeira*: o conceito dinâmico de força traz de uma só vez o esclarecimento e a justificação maior, tal como pode doravante ser exposto a partir do que foi obtido do grande trabalho de elaboração doutrinal conduzido por Leibniz durante sua viagem à Itália¹⁶; daí a algumas semanas, os

(14) Nesta, bem como nas demais citações feitas da versão do texto publicada no *Journal des Savants*, acompanho, com algumas alterações, a tradução brasileira de Edgar Marques em: *Sistema novo da natureza e da comunicação das substâncias e outros textos*, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. (N. do T).

(15) GP IV, p. 478. Citamos aqui o texto tal como foi publicado no *Journal des Savants*. Veremos em breve como Leibniz logo depois remanejou sua redação sobre uma cópia do artigo.

(16) No essencial, esse trabalho culmina na redação de duas obras importantes: primeiro, o diálogo *Phoronomus seu de Potentia et Legibus naturae*, em seguida o grande tratado intitulado *Dynamica de potentia et legibus naturae corporeae*, que, embora parcialmente inacabado, apresenta-se como a síntese

leitores das *Acta eruditorum* de Leipzig saberão algo a seu respeito pela publicação de um *Specimen dynamicum*¹⁷, que é de alguma maneira o apêndice do *Sistema Novo da natureza e da comunicação das substâncias*.

Do ponto de vista lexical, o maior avanço que o texto do *Sistema Novo* efetua em direção à mônada reside na elaboração de distinções conceituais na interpretação da noção de *ponto*. Com efeito, se, nas cartas a Arnauld, Leibniz havia introduzido a consideração da “verdadeira unidade” fazendo referência, ao menos implicitamente, à composição numérica das “multiplicidades” a partir das unidades, a noção de ponto tinha sido mencionada *en passant* apenas para ser descartada, pelo motivo de que o ponto não pode produzir nenhuma composição¹⁸. Uma *démarche* nova, e decisiva, terá início pela tentativa de esclarecimento das relações entre as três entidades vizinhas que são a unidade-substância, a unidade-número e o ponto. A consideração do átomo físico vindo somar-se a isso, é em um sistema formado por quatro elementos que será preciso doravante fazer aparecer, preservando as oposições e as incompatibilidades, uma rede de correspondências e de analogias. Dessa rede poderá em breve surgir, inicialmente por um simples jogo de escritura, o emprego da mônada. Eis como o texto do *Sistema Novo* expõe seu estabelecimento:

“ [...] Os átomos de matéria são contrários à razão, além do fato de serem ainda compostos de partes, uma vez que a ligação invencível de uma parte a outra (mesmo se isso pudesse ser racionalmente concebido ou suposto) não destruiria em absoluto sua diversidade. Há somente os átomos de substância, quer dizer, as unidades reais e absolutamente destituídas de partes, que são as fontes das ações e os primeiros princípios

se ordenada do conjunto da ciência para a qual Leibniz inventa nesse momento o neologismo “Dinâmica”. Esses dois documentos permanecerão inéditos até sua edição, o segundo por Gerhardt, em 1860 (GM VI, 281-514), e o primeiro em 1992 por André Robinet, em *Physis. Rivista internazionale di storia della scienza*, vol. XXVIII (1991), Nuova serie, fasc. 2 e 3.

(17) GM VI, pp. 234-254 (mas em 1695 só foi publicada a Primeira Parte, pp. 234-246).

(18) GP II, p. 96.

absolutos da composição das coisas, e como que os derradeiros elementos da análise das coisas substanciais. Eles poderiam ser chamados de *pontos metafísicos*: possuem *alguma coisa de vital* e uma espécie de *percepção*, e os *pontos matemáticos* são seu *ponto de vista* para exprimir o universo. Mas quando as substâncias corporais são contraídas, todos os seus órgãos em conjunto formam, em relação a nós, apenas um *ponto físico*. Assim, os pontos físicos não são indivisíveis senão em aparência; os pontos matemáticos são exatos, mas não são senão modalidades; há somente os pontos metafísicos ou de substância (constituídos pelas formas ou almas), que são exatos e reais, e sem eles não haveria nada de real, visto que sem as verdadeiras unidades não haveria nenhuma multiplicidade (GP IV, 482-483)."

Tais são as contribuições diretamente constatáveis da versão do *Sistema Novo* publicada pelo *Journal des savants*. A tese monadológica é aí formulada de uma maneira tão explícita quanto na última fase do intercâmbio com Arnauld: "A multiplicidade não podendo haurir sua realidade senão das unidades verdadeiras [...] se não houvesse verdadeiras unidades substanciais, não haveria nada de substancial nem de real na coleção"¹⁹. Duas explorações da tese preparam a constituição iminente do próprio conceito de mônada, à espera de sua denominação: a) a identificação da unidade verdadeira com a alma, o Eu, ou o que é análogo à alma relativamente a todos os corpos orgânicos; nesse plano, a reabilitação das formas substanciais é prolongada pela da noção de entelêquia, esclarecida pela nova disposição desdobrada do conceito de força; além disso, o reforço das observações atesta a onnipresença do orgânico e portanto do animado em toda a natureza. b) um jogo sutil de correspondências é introduzido para significar a dupla relação de assimilação formal e de distanciamento entre a estrutura do real e a das idealidades matemáticas.

(19) GP IV, respectivamente p. 478 e p. 482. E já sobre a primeira versão: "É preciso necessariamente que se encontre na natureza corporal verdadeiras unidades, sem as quais não haveria em absoluto multiplicidades nem coleções" (GP IV, 473).

Mas isso não é tudo: pois Leibniz voltou a debruçar-se sobre seu texto, e, a partir de uma cópia que ele havia retido do artigo, ele o aprimorou fazendo correções que não são negligenciáveis. É assim que a passagem já citada, insinuando a retomada da reabilitação das formas substanciais, encontra-se remanejada para fazer concorrer expressamente *unidades* e *pontos*, como que para colocar essa passagem em harmonia com aquela que aparece mais adiante no corpo do artigo:

“Ora, a multiplicidade não pode haurir sua realidade senão das unidades verdadeiras, que têm outra origem e são bem distintas dos **pontos matemáticos, que não são nada além de extremidades do que é extenso e modificações**, de que se sabe que o contínuo não poderia ser composto; assim, para encontrar essas *unidades reais*, fui constrangido a recorrer a **um ponto real e animado, por assim dizer, ou a um átomo de substância que deve envolver algo de formal ou de ativo, para fazer um Ser completo**. Foi preciso, então, chamar e como que reabilitar as formas substanciais [...]”²⁰.

Uma derradeira inovação é trazida por Leibniz quando ele relê o desenvolvimento sobre a ingerabilidade das formas indivisíveis. Inicialmente, ele havia mandado imprimir no *Journal*:

“Via que essas formas e essas almas deviam ser indivisíveis, tanto quanto nosso espírito, como, com efeito, eu recordava-me de que era a opinião de São Tomás acerca das almas dos animais. Mas essa verdade renovava as grandes dificuldades relativas à origem e à duração das almas e das formas. Pois toda substância que tem uma verdadeira unidade não podendo ter seu começo nem seu fim senão por milagre, segue-se que elas somente poderiam começar por criação e acabar por aniquilamento”²¹.

(20) GP IV, p. 478. Imprimimos aqui em negrito as inovações introduzidas.

(21) GP IV, p. 479.

Essa última frase é corrigida pelo simples acréscimo de duas palavras, mas é assim que uma guinada decisiva é operada, a qual implantará definitivamente no léxico leibniziano o *definiens* ulterior da mônada, antes mesmo que o definido seja utilizado:

“Pois toda substância *simples ou* que tem uma verdadeira unidade não podendo ter seu começo nem seu fim senão por milagre, segue-se [...]”²².

Essa releitura por Leibniz certamente se deu pouco depois da publicação do artigo. A partir desse momento, “substância simples”, que será o equivalente definicional canônico de “mônada”, torna-se de uso constante e corrente sob a pluma de Leibniz²³.

Seja então, ao cabo dessa divisão em quatro do léxico, o quadro das correspondências e das oposições: partimos da demanda pelas unidades, sempre necessárias, sobre o modelo euclidiano do número inteiro, para compor uma multiplicidade²⁴. Mas trata-se aí de unidades *verdadeiras*, ou ainda *reais*, ou de *verdadei-*

(22) GP IV p. 479 omite o “ou”, muito visível no manuscrito que tivemos o cuidado de consultar. A primeira a dar relevo a esse detalhe genético altamente significativo é Anne Becco, em seu artigo “*Nas fontes da Mônada: Paleografia e lexicografia leibnizianas*”, *Les Études philosophiques* (1975) n° 3, p. 283.

(23) Isso se encontra desde as *Remarques sur les Objections de Foucher*, na notável exposição que Leibniz aí faz da dupla estrutura da ordem ideal do contínuo matemático e da ordem real da composição dos concretos: “Nas coisas substanciais e atuais, o todo é um resultado ou reunião das substâncias simples ou de uma multiplicidade de unidades reais” (GP IV, p.491). Trata-se nesse contexto das primeiras ocorrências de “substância simples” nos escritos de Leibniz. A presença desse termo no título do artigo XXXV do *Discurso de metafísica* resulta de um acréscimo posterior, quando de uma releitura da correspondência com Arnauld, em 1695, ou pouco depois. Cf. Anne Becco, *Du simple selon Leibniz. Discours de métaphysique et Monadologie. Étude comparative critique des propriétés de la substance appuyée sur l’opération informatique “MONADO 74”*, Paris, Vrin, 1975, pp. 66-68.

(24) Definição do número (inteiro) segundo Euclides: “O número é uma multiplicidade composta

ras unidades substanciais: verdadeiras porque, à diferença da unidade numérica, elas são absolutamente *destituídas de partes*, ao passo que o número um pode sempre ser dividido em frações. Indivisíveis, portanto, e, no sentido estritamente etimológico da palavra, átomos: não os átomos de matéria da física de Demócrito ou de Epicuro, cujo conceito é contraditório (a matéria é divisível ao infinito), mas, antes, *átomos de substância* ou ainda *átomos formais*. Ora, a ausência de partes é também em Euclides a característica definicional do *ponto* geométrico²⁵, que, à diferença do ponto aparente que é o átomo, é um ponto exato, mas apenas ideal: as substâncias serão, portanto, pontos tão exatos quanto os da geometria, mas *reais*, em resumo, *pontos metafísicos*. Mas ser sem partes ou indivisível é excluir toda composição por adjunção de elementos: e isso se chama *simples*. Daí, ao fim e ao cabo, a fórmula que reúne e unifica todas as outras: *substância simples ou que tem uma verdadeira unidade*.

Além disso, os pontos reais são ditos animados; eles têm *alguma coisa de vital*. Nisso eles não fazem senão recuperar as características já associadas à noção de forma substancial, e que vêm confirmar as noções reputadas equivalentes de entelégia e de força primitiva. No final eles serão reconhecidos como *princípios de vida*²⁶.

Enfim, uma ligação se estabelece entre as duas espécies admissíveis de pontos exatos: os pontos matemáticos são os "*pontos de vista*" sob os quais cada unidade de substância exprime o universo. O conceito de expressão manifesta uma vez mais sua potência unificadora sugerindo como a metáfora do ponto de vista permite conciliar a ordem real das substâncias com a ordem ideal das entidades matemáticas. A extensão, da qual o contínuo matemático extrai as propriedades abstra-

de unidades", *Elementos*, VII, def. 2 (Em: *Les livres arithmétiques d'Euclide*. Trad. Itard, Jean. Paris, Hermann, 1961, p. 83).

(25) "Um ponto é aquilo de que não há nenhuma parte", Euclides, *Elementos*, I, def. 1 (Em: *Euclide, Les Éléments*. Trad. Vitrac, Bernard. Vol.1, PUF, Paris, 1990, p. 151).

(26) Cf. as *Considérations sur les principes de vie et les natures plastiques*, e o *Éclaircissement sur les natures plastiques* (1705), em GP VI, pp. 539-555.

tas, está ela própria fundada sobre o caráter de “localidade” que afeta as substâncias criadas. Como observou profundamente Martial Gueroult, para isso é preciso que o ponto não apenas seja concebido como extremidade da linha, de sorte que nenhuma reunião de pontos, mesmo em número infinito, possa constituir uma extensão, mas também que ele seja admitido como posição ou localidade²⁷. Nesse sentido, Leibniz poderá escrever mais tarde que “a substância simples, mesmo se ela não contém a extensão, tem não obstante uma posição, que é o fundamento da extensão, visto que esta é a repetição simultânea da posição, como dizemos que a linha vem da fluxão do ponto”²⁸.

Seja então o quadro sinóptico que reúne todos os elementos desse léxico:

<p>Unidade(s) verdadeira(s), real(s), substancial(s)</p> <p>Destituídas de partes ou simples = Pontos exatos e reais, e animados Pontos metafísicos, com algo de vital e uma espécie de percepção</p> <p>Átomos de substância, átomos formais</p>	<p>Unidades divisíveis em frações</p> <p>Pontos matemáticos, exatos, mas apenas modalidades</p> <p>Pontos de vista</p>	<p>Idealidades matemáticas</p>
<p>Substâncias simples = « Mônadas »</p>	<p>Átomos materiais = Pontos físicos, reais, mas aparentes</p>	<p>Realidade física (fenômenos)</p>

(27) Aristóteles dá testemunho de definições pitagóricas em que a unidade é definida como indivisível, e o ponto como “uma unidade tendo posição” (*Metafísica* E, 1016b24, e N 1089b35; *De anima*, I, 4, 409a6)

(28) Carta a des Bosses de 21 de julho de 1707 (GP II, p. 339).

Com essa nova temática da unidade e do ponto, a mônada estava doravante, por assim dizer, ao alcance da pluma.

De resto, há aí com que responder às interrogações quanto ao que pôde sugerir a Leibniz o emprego dessa denominação. Pôde-se sustentar que se tratava de um empréstimo, tomado de Giordano Bruno, ou de Henry More, a não ser que tenha sido de Cudworth, e, mais recentemente de uma seqüência de encontros com François-Mercure van Helmont. Mas a questão quanto aos eventuais empréstimos tem menos interesse que aquela concernente à articulação interna das significações na constituição genética dos conceitos e do léxico leibnizianos. Recordemos simplesmente as definições pitagóricas, e depois euclidianas, do um e do ponto, para não falar das especulações platônicas e plotinianas. Esse pano-de-fundo não podia estar ausente da memória de Leibniz, que se ocupou muito e em várias ocasiões da doutrina do ponto. Desde que havia sido admitida a caracterização dos elementos substanciais últimos como unidades e como pontos metafísicos, a ausência de partes, e, portanto, a simplicidade, daí resultava naturalmente, e igualmente natural era o recurso à velha palavra “mônada”.

Nesse sentido, a operação lingüística pela qual Leibniz se reapropria da mônada não é intrinsecamente diferente daquela que o faz reempregar “átomo” em um sentido que não é mais o do atomismo físico: trata-se também de uma unidade pontual em uma acepção que tampouco é aquela da idealidade aritmética e geométrica. Portanto, mais que uma fonte explorada por um empréstimo inverificável tomado de tal ou tal autor contemporâneo ou recente, o sentido propriamente leibniziano da mônada se reconhece a partir da constituição anterior de uma rede conceitual associada a um léxico ao qual “mônada” era solidário desde quase vinte e dois séculos.

Não nos espantaremos, portanto, em reencontrar na carta que Leibniz endereçou em 13 de setembro de 1696 ao abade Michel Fardella o mesmo vocabulário empregado quando da primeira publicidade dada ao termo mônada:

átomo formal, ou de um ponto essencial, - pois não pode haver [átomo] material, razão pela qual se procura em vão a unidade na matéria; e o ponto matemático não é essencial, mas modal, razão pela qual o contínuo não é constituído de pontos, e, todavia, tudo o que é substancial decorre das unidades”²⁹.

*

A introdução do conceito de mônada, no desfecho de um trabalho complexo sobre a questão da realidade substancial dos corpos, respondia a uma necessidade de unificação ontológica: conceito de extensão verdadeiramente universal, a mônada permite pensar toda realidade e o todo da realidade. Ao mesmo tempo, ela intervinha como um operador da naturalização do campo metafísico. Não, sem dúvida, que o enfoque teológico seja esquecido, nem, com ele, a superioridade dos espíritos, membros da Cidade de Deus, sobre o resto da criação³⁰; mas essa superioridade define-se doravante segundo uma linha ascendente ordenadora de uma realidade total que foi de início concebida de maneira unitária sob a univocidade da mônada.

Por isso, a noção de mônada, mesmo respondendo a uma exigência de inteligibilidade pela simplicidade, comporta a seu turno dificuldades temíveis, que se reconhecem na complexidade de sua constituição, no primeiro sentido definido. A mônada é simultaneamente um átomo não material, o sujeito de uma força distinta da força motora, uma realidade pensada por analogia e oposição com a idealidade matemática do ponto e da unidade, enfim uma vida. São essas quatro vertentes da constituição do conceito que me proponho a percorrer agora.

A. ATOMÍSTICA FORMAL

“E essas mônadas são os verdadeiros Átomos da Natureza e, em uma palavra, os Elementos das coisas” (*Monadologia*, §3).

(29) FC, p. 326.

(30) Leia-se notadamente a carta a Rudolf Christian Wagner.

Qualquer que tenha sido a adesão que Leibniz teria podido dar, durante um breve período de sua primeira juventude, ao atomismo físico, sua condenação a ele permaneceu constante no seu rigor e nas suas razões: corpos extensos indivisíveis, que deveriam ser de uma dureza infinita para se oporem a toda separação de suas partes, são contrários à ordem e à inteligibilidade da natureza. Em todo caso, se a transferência da própria palavra “átomo” à denominação das mônadas é concebível e legítima, é porque é preciso que seu primeiro emprego não tenha sido completamente privado de sentido. É o que permite precisar o encontro com as concepções de Cordemoy, que Leibniz, em 1705, lembra nestes termos:

“O falecido Sr. Cordemoy ficou bem embaraçado em seu livro sobre o discernimento do corpo e da alma. E o Sr. Arnauld fez-me lembrar desse livro, quando lhe comuniquei minha doutrina das Unidades. O Sr. Cordemoy, portanto, vendo que as coisas compostas deviam ser o resultado das coisas simples, foi forçado, por mais cartesiano que ele fosse, a recorrer aos Átomos, abandonando seu mestre, quer dizer, a admitir pequenos corpos com uma dureza insuperável, que ele tomava pelos primeiros Elementos ou pelas substâncias mais simples que há na matéria”³¹.

Para dizer a verdade, a sugestão de Arnauld, como vimos, não tinha sido provocada pela comunicação da “doutrina das unidades”, mas pelo emprego singular feito por Leibniz da noção de forma substancial, no qual a perspicácia do velho teólogo tinha reconhecido que se tratava do princípio de unidade dos corpos. Leibniz podia então se lembrar de uma leitura ainda recente, já que foi no ano de 1685 que ele tomou conhecimento, fazendo anotações, da tradução

(31) Leibniz prossegue, lembrando a argumentação habitual de seu antiatomismo: “Mas, além de que todos os corpos têm também partes atuais, ainda que elas não sejam destacadas umas das outras, ele não considerava que essa dureza perfeita e insuperável deveria ser miraculosa, e que efetivamente todo corpo, grande ou pequeno, tem partes destacadas entre si, que nele exercem movimentos internos, conforme ele é empurrado pelos outros; caso contrário haveria corpos impassíveis: sem falar de muitas outras razões que mostram que a Matéria é atualmente dividida ao infinito”.

latina do *Traité du discernement de l'âme et du corps*. Sua nota de leitura é a esse respeito instrutiva³².

Nela, Leibniz coloca em evidência a maneira como Cordemoy distingue, em oposição ao hábito de confundi-los, a matéria e os corpos: a matéria não é uma substância, o corpo é. A matéria é, antes, uma reunião de corpos, dos quais cada um é uma substância idêntica e única, que não pode, portanto, ser dividida, nem mudar de figura, nem ser penetrada; pois “nenhuma substância pode ser dividida em si mesma”. Eis, portanto, o cerne do “cartesianismo” de Cordemoy, tal como resumido por Leibniz:

Um corpo não pode ter partes, mas a matéria sim. A idéia da substância extensa é absolutamente clara, mas ela é erradamente confundida com as percepções da matéria. Nem tudo o que é extenso é divisível. É preciso considerar as coisas não como elas aparecem, mas como elas são; não há extensão na matéria senão porque cada corpo do qual ela é constituída é dela dotado, e a massa é, portanto, divisível porque ela é composta de partes que são substâncias diversas³³.

As poucas observações críticas que Leibniz distribui ao longo de sua leitura comportam de início um tema bem conhecido: Cordemoy “enganou-se em não ter reconhecido que há na substância corporal, além da extensão, algo mais do qual procede efetivamente a noção mesma de substância, que a mera extensão não pode fornecer. E é a potência ou virtude de agir e de padecer, segundo o axioma universalmente acatado de que as ações são feitas das substâncias (*actiones sunt suppositorum*)”³⁴. Todavia, para além da invocação enganadora da clareza da idéia, uma conciliação é possível:

(32) A tradução latina *De Corporis et Mentis distinctione* foi publicada em Genebra em 1679. A nota de leitura de Leibniz figura em A VI, 4B, 1797-1800 (ela já foi publicada, com uma tradução francesa, em Gerould de Cordemoy, *Œuvres philosophiques*, ed. por P. Clair e F. Girbal, Paris, PUF, 1968, pp. 362-364).

(33) Ak VI, 4B, 1798.

(34) Ak VI, 4B, p. 1799.

“É notável que tanto os cartesianos comuns, que tomam tudo o que é extenso por divisível, quanto o semi-gassendista Cordemoy, que estima que toda substância é indivisível e verdadeiramente una, fazem apelo às idéias. Talvez um e outro possam concordar com minha opinião, se efetivamente todos os corpos orgânicos são animados e se todos os corpos são ou orgânicos ou coleções de corpos orgânicos; toda massa é então divisível, mas a própria substância não pode ser dividida, nem se extinguir [...]. O eminente autor viu a verdade confusamente e envolta em uma nuvem, mas não pôde demonstrá-la com exatidão (*ibid*, 1798)³⁵.

Cordemoy, portanto, tinha visto bem que “a substância requer uma verdadeira unidade”³⁶, mas se havia enganado ao atribuir essa unidade ao elemento intrinsecamente contraditório de um corpo que ainda seria algo de extenso mesmo sendo indivisível. A unidade verdadeira exige uma indivisibilidade absoluta que implica rigorosamente a ausência de partes e, portanto, de qualquer extensão. Se se quer fornecer correspondentes somente para o sentido exato da denominação de átomo, quer dizer, de um elemento verdadeiramente indivisível, eles não podem jamais se encontrar em algo de corporal, ou, mais geralmente, de material: eles são portanto essencialmente “átomos formais”, segundo a expressão utilizada no *Sistema Novo*³⁷. Dissiparemos a nuvem que impediu Cordemoy de reconhecer toda a verdade deslocando seu argumento do material ao formal, desmaterializando os átomos, e situando-os em formas que podem bem então ser ainda chamadas substanciais, mas que em breve serão melhor denominadas mônadas.

(35) Leibniz lembra-se dessa fórmula ao escrever a Arnauld: “Parece que o Sr. Cordemoy tinha reconhecido algo da verdade, mas ele ainda não tinha visto em que consiste a verdadeira noção de uma substância. Aí está também a chave dos mais importantes conhecimentos” (GP II, p. 78).

(36) GP II, p. 96.

(37) GP IV, p. 479 (texto de nota da versão publicada do *Sistema Novo*, antes das correções feitas por Leibniz sobre uma cópia do artigo).

Doravante se falará, portanto, igualmente de “verdadeiros átomos” (opostos então a “átomos materiais”)³⁸, ou de “átomos de substância”³⁹ (o que em si resulta um pleonasma se a substância consiste na unidade indivisível). E a indestrutibilidade dos “falsos” átomos de uma má física torna tanto mais aceitável aquela das verdadeiras substâncias da boa metafísica: “Não vejo de modo algum por que haveria menos inconveniente em fazer durar os átomos de Epicuro ou de Gassendi do que fazer subsistir todas as substâncias verdadeiramente simples e indivisíveis, que são os únicos e verdadeiros átomos da natureza” (*Teodicéia*, §89).

B. DINAMISMO METAFÍSICO

As correspondências que precedem a publicação do *Sistema Novo* e do *Specimen dynamicum* atestam a amplitude do esforço realizado por Leibniz para garantir credibilidade ao mesmo tempo aos teoremas de sua “nova ciência da potência e da ação” e à capacidade de seus conceitos de tornar inteligível a noção de substância. A noção da força, tal como Leibniz a havia constituído a partir de 1678 sobre o terreno do estabelecimento das leis da natureza ao exprimi-la na fórmula mv^2 , havia fornecido o motivo primeiro da reabilitação das formas substanciais. Doravante, e para nos restringirmos aqui ao essencial, a mesma noção da força aparece como um meio de unificação teórica, sem deixar de preservar a especificidade ontológica dos níveis da realidade fenomenal e substancial. A força, tal como ela se expõe na produção do movimento e que se mede por mv^2 a partir de seus efeitos, e notadamente a partir da comunicação aparente do movimento nos choques, é chamada doravante *força derivativa*. Ela diz respeito ao fenômeno. Correlativamente acha-se introduzido um novo emprego do conceito, pela designação de uma *força primitiva*,

(38) GP IV, p. 527 (*Extrait du Dictionnaire de M. Bayle article Rorarius [...] de l'Édition de l'an 1702 avec mes remarques*).

(39) GP IV, p. 478 (*Sistema Novo*, texto da versão revisada por Leibniz após a publicação), p. 482 (*Sistema Novo*), p. 561 (*Réponses aux réflexions contenues dans la seconde édition du Dictionnaire critique de M. Bayle, article Rorarius, sur le Système de l'Harmonie préétablie*), e p. 511 (*De ipsa natura*).

atributo da substância, que como tal não diz mais respeito à extensão e ao movimento, mas consiste na percepção e na apetição, que faz passar de uma percepção a uma outra. Assim deve se achar suspensa, ao menos em parte, a ambigüidade que atingia a aproximação entre forma e força, tal como ela tinha sido avançada no artigo XX do *Discurso de metafísica*. É a força primitiva que herda funções e caracteres da forma substancial reabilitada, cuja eliminação do plano dos fenômenos pode então ser plenamente assumida, ao passo que as forças derivativas atuam exclusivamente nesse plano⁴⁰. Resta que, para que haja algo de real, e não de meramente imaginário, nos fenômenos, é preciso que alguém do jogo das trocas cinéticas aparentes regidas pela conservação das forças derivativas, haja realidades substanciais. Ora, pela forma, elas são pensadas como análogas ao Eu, quer dizer, como suscetíveis de percepção, no sentido largo que Leibniz confere a esse termo, de representação que exprime o universo na unidade do percipiente⁴¹. Nesse sentido, a forma bem pode ser dita ainda uma força (primitiva), no sentido de que a força designa em geral o estado presente que tende por si mesmo a seu conseqüente, se nada o impede⁴², e esse estado pode ser tanto o estado instantâneo de movimento

(40) “Eu remeto as forças derivativas aos fenômenos, mas acho que é manifesto que as forças primitivas não podem ser nada além de tendências internas das substâncias simples, pelas quais elas passam de percepção em percepção segundo uma lei determinada de sua natureza” (GP II, p. 275 – *Carta a de Volder*, 1704?).

(41) “Por Força primitiva eu entendo o Princípio de Ação, do qual as forças mutáveis não são senão as modificações. [...] A idéia positiva dessa substância simples ou Força primitiva é completamente encontrada, visto que ela deve sempre ter em si um progresso regulado de percepções, segundo a Analogia que ela deve ter com nossa alma” (GP III, p. 356 – *a Lady Marsham*, verão de 1704).

(42) Como diz, antes de reiterá-lo inúmeras vezes, e na seqüência do artigo *Sur la Réforme de la philosophie première* de 1694 (GP IV, 469), o primeiro esboço do *Sistema Novo*: “Pela Força ou Potência, não entendo o poder ou a simples faculdade que não é senão uma possibilidade próxima de agir, e que, sendo como que morta, não produz jamais uma ação sem ser excitada de fora, mas entendo um meio entre o poder e a ação, que envolve um esforço, um ato, uma enteléquia, pois a força passa de si própria à ação enquanto nada a impede” (GP IV, p. 472). Dentre as passagens em que Leibniz reitera isso, leia-se o § 87 da *Théodicée*, comentário do conceito aristotélico de *enteléquia* (ver nota 45).

quanto um estado representativo ou uma percepção. Assim como a força, causa do movimento nos corpos, se mede por seu estado futuro, assim também toda percepção presente envolve a passagem a uma nova percepção, que Leibniz denominará apetição. Essa passagem permite ainda reconhecer na unidade da substância “algo de vital”⁴³. O benefício de clareza conceitual que Leibniz estima ter alcançado por essa nova análise da significação da força o incita, após a reabilitação das formas substanciais, a retomar por sua própria conta a noção aristotélica de *enteléquia*:

“Aristóteles chama-as [as formas substanciais] de enteléquias primeiras; eu chamo-as, talvez mais inteligivelmente, de *forças primitivas*, as quais não contêm somente o ato ou o complemento da possibilidade, mas ainda uma atividade original”⁴⁴.

A força primitiva não é, portanto, nada além do nome mais inteligível do que Aristóteles designava ao definir a alma como “a enteléquia primeira de um corpo natural organizado”⁴⁵. Assim desdobrado, o conceito de força permite pensar a uma só vez a distinção e a junção dos dois níveis da realidade substancial e dos fenômenos que daí resultam⁴⁶.

(43) GP IV, p. 483.

(44) GP IV, p. 479.

45 A fórmula de Aristóteles encontra-se no *De Anima*, II, 1, 412b5. Leibniz a menciona em uma carta a Pelisson de julho de 1691 (A I, 6, p.227), e ele justifica-se por isso na carta ao mesmo de 23 de outubro (A I, 7, p. 196). Sobre essa reabilitação, cf. André Robinet, *Architectonique disjonctive...*, op. cit., pp. 61-72.

(46) Sobre essa dupla constituição do conceito de força, ver *Specimen dinamicum*, GM VI, p. 236: “A força ativa é dupla [...], a saber, como primitiva, que reside em toda substância corporal por si [...], ou derivativa, que se exerce como que por uma limitação da primitiva, resultando do conflito dos corpos entre si. E a primitiva (que não é nada além da enteléquia primeira) corresponde à alma ou forma substancial”. É nesse sentido que Leibniz diz “admitir por toda parte nos corpos um princípio ativo superior às noções materiais, e por assim dizer vital” (ibid., p. 242). Em um primeiro momento, a força primitiva, identificada à *enteléquia*, retoma as características da forma substancial reabilitada. O dispositivo será precisado quando a força primitiva for reconhecida como constitui-

C. O IDEAL E O ATUAL

Até um certo ponto, as noções matemáticas, precisamente por seu caráter de idealidade e de não-materialidade, podem servir de guia para pensar esses átomos de um novo gênero que são as substâncias simples, seja sob o modelo da unidade aritmética, princípio de todo número considerado como uma multiplicidade determinada, seja sob aquele do ponto, que é propriamente inextenso e sem partes. Mas até um certo ponto apenas: com efeito, uma ambigüidade intrínseca do conceito de mônada pode se observar a partir da distorção das duas analogias matemáticas que sustentam sua constituição: aquela da unidade e aquela do ponto.

Os compostos são agregados ou multiplicidades, e, enquanto tais, são, como a multiplicidade constitutiva do número inteiro, feitos de unidades: “Mas não há substâncias lá onde não há substância, não mais que não há números se não há unidades”⁴⁷; ou ainda: “Lá onde há vários ou a multiplicidade, é preciso que haja também unidades, pois a multiplicidade ou o número é composto de unidades”⁴⁸. Cada agregado reúne assim várias mônadas. Um corpo, enquanto considerado como uma massa extensa concreta, é um tal agregado, e é, portanto, correlacionado a uma pluralidade de mônadas, que são as unidades das quais é derivada

va das unidades de substâncias, ou substâncias simples (cf. *infra*). A explicitação mais clara é talvez aquela da carta a de Volder de 1705, na resposta à acusação de substituir as coisas por forças, e as forças, por percepções, e assim reduzir os corpos a “visões”: “Eu não suprimo o corpo, mas o reconduzo ao que ele é, pois mostro que a massa corporal, que se crê possuir algo mais que as substâncias simples, não é substância, mas fenômeno resultante das substâncias simples, únicas que têm a unidade e a realidade absoluta. Eu remeto as forças derivativas aos fenômenos, mas sou da opinião de que é claro que as forças primitivas outra coisa não podem ser que tendências internas das substâncias simples, pelas quais elas passam segundo uma lei determinada da sua natureza de percepção em percepção, e conspiram simultaneamente entre si, referindo-se aos mesmos fenômenos do universo segundo disposições diversas, o que procede necessariamente da causa comum” (GP II, p. 275).

(47) Discussão com Fardella, Ak, VI, 4.

(48) Carta a Sophie, GP VII, p. 557.

sua realidade fenomenal. Contudo, a divisão ao infinito do agregado marca o limite da analogia com a composição do número inteiro. Pela razão mesma desse envolvimento do infinito, não pode haver homogeneidade entre as unidades e o que elas compõem. Ao passo que a unidade aritmética é homogênea ao número (finito) que ela constitui por sua repetição, as mônadas não são partes do agregado no qual elas entram. Elas aí estão antes como as frações estão na unidade, ou como os pontos estão na linha. Ora, a unidade não é composta das frações: se é verdade “nas coisas numeradas” que $1/2 + 1/2 = 1/4 + 1/4 + 1/2 = \dots = 1$, com relação ao número abstrato, a unidade é anterior às frações que não se obtêm senão por suas subdivisões. Tampouco uma linha pode ser considerada, segundo Leibniz, como um conjunto de pontos.

Mas, a seu turno, a analogia com a composição do contínuo encontra também um limite: a divisibilidade da linha, como a da unidade aritmética, é ideal, e cada divisão atual que se pode aí operar será sempre arbitrária; um mesmo segmento pode ser dividido ao infinito em metades, em terços, ou consoante qualquer associação arbitrariamente complicada, variada em cada etapa, dos fatores da divisão. As partes são dadas apenas por essas operações de divisão efetuadas sobre a unidade prévia do segmento. Os pontos compreendidos no segmento são designados a cada vez como as extremidades dos segmentos parciais obtidos (um ponto será determinado, por exemplo, pela divisão de um segmento em dois sub-segmentos conexos que ele marca de uma parte e de outra). No ideal, o todo é anterior às partes. Em contrapartida, a divisão infinita de um agregado real é atual e determinada; nas realidades, as partes precedem o todo ou os elementos são anteriores ao agregado⁴⁹. Assim, a distinção corretamente dominada da composição atual dos agregados a partir de suas unidades reais e da composição ideal das entidades matemáticas permite também resolver as contradições que nos extraviaram no labirinto do contínuo:

(49) A análise que precede inspira-se principalmente no texto decisivo, que Leibniz escreveu em resposta às Objeções de Simon Foucher sobre o *Sistema Novo*, e por isso mesmo em comentário direto deste (GP IV, pp. 491-492).

“Nos Atuais, há apenas a Quantidade discreta, quer dizer, a multiplicidade das mônadas ou substâncias simples, mas maior que todo número, em cada agregado sensível ou correspondente aos fenômenos. Mas a Quantidade contínua é algo de ideal, que diz respeito aos possíveis, ou aos atuais considerados como possíveis. Pois o Contínuo envolve partes, ao passo que não há, contudo, nada de indefinido nos atuais, nos quais, com efeito, toda divisão que pode ser feita é efetiva. As coisas atuais são compostas como o número é composto das unidades, as coisas ideais, como o número é composto de frações: as partes estão em ato no todo real, mas não no todo ideal. Mas ao confundir as coisas ideais com as substâncias reais, a ponto de procurarmos partes atuais na ordem dos possíveis e partes indeterminadas no agregado dos atuais, nós mesmos introduzimos contradições inextricáveis no labirinto do contínuo”⁵⁰.

Contudo, o esquema assim dado da composição das coisas atuais, por oposição à ordem das idealidades, não basta para determinar seu conteúdo real. É preciso fazer intervir aí a especificidade que faz dos agregados de mônadas corpos orgânicos.

D. VIDA E ORGANISMO

É de resto o que enuncia explicitamente Leibniz, tão logo formulada essa oposição:

“Mas nas realidades em que entram apenas divisões feitas atualmente, o todo não é senão um resultado ou reunião, como um rebanho de carneiros; é verdade que o número das substâncias simples que entram em uma massa, por menor que ela seja, é infinito, visto que, além da alma que faz a unidade real do animal, o corpo do carneiro (por exemplo) é subdividido atualmente, quer dizer que ele é ainda uma reunião de animais ou de plantas invisíveis, compostas da mesma maneira, além do que faz também sua unidade real; e ainda que isso vá ao infinito, é manifesto que ao fim e ao cabo

tudo remonta a essas unidades, o resto ou os resultados não sendo senão fenômenos bem fundados”⁵¹.

Até o presente, cada agregado foi remetido à pluralidade infinita das mônadas que ele pressupõe como seus requisitos imediatos, e não propriamente como suas partes. Mas se esse agregado é ele próprio considerado como uma unidade que não é apenas nominal, como o é aquela de um monte de pedras ou de um exército, é preciso que ele seja correlacionado a *uma única mônada* que é como que o foco de sua unidade. Tal deve ser o caso se há substâncias corporais. Um tal foco de unidade é aquilo de que fazemos em nós mesmos a experiência no que chamamos *eu*, na unidade simples e indivisível que envolve todo pensamento ou toda percepção. Nisso, do mesmo modo como a analogia do Eu justificava a clareza do conceito de forma substancial, há sempre uma via de acesso egológica à mônada.

Por toda parte em que há corpos orgânicos, cuja unidade não é de simples justaposição, algo de análogo responde a essa função de unicidade. Nessa função, a mônada retoma a seu encargo as justificações que tinham sustentado a reabilitação das formas substanciais. Daí que Leibniz associe indiferentemente as duas denominações. Assim, o mesmo corpo pode sustentar simultaneamente duas referências distintas à esfera monádica: enquanto multiplicidade, ele remete às unidades plurais que ele requer, e enquanto substancial ou orgânico, ele refere à única mônada que é como que sua forma, ou que constitui sua enteléquia primitiva. Por um derradeiro contragolpe, as mônadas designadas pela primeira remissão são elas próprias consideradas como formas substanciais ou como enteléquias, o que supõe que elas sejam também, no seu próprio nível, correlacionadas a uma matéria segunda que elas informam e animam.

Dentre os numerosos textos em que essa estrutura complexa da composição monádica é explicitada por Leibniz, reteremos dois, que convém citar bem longa-

(51) GP IV, p. 479.

mente para daí retirar a substância. O primeiro, escrito por Leibniz em francês, encontra-se em uma carta de 1699 a Thomas Burnett:

Nos corpos eu distingo a substância corporal da matéria, e distingo a matéria primeira da segunda. A matéria segunda é um agregado ou composto de várias substâncias corporais, como um rebanho é composto de vários animais. Mas cada animal e cada planta também é uma substância corporal, tendo em si o princípio da unidade, que faz com que seja verdadeiramente uma substância e não um agregado. E esse princípio de unidade é o que se chama Alma ou então algo que tem analogia com a alma. Mas, além do princípio da unidade, a substância corporal tem sua massa ou matéria segunda, que é ainda um agregado de outras substâncias corporais menores, e isso vai ao infinito. Contudo, a matéria primitiva ou a matéria tomada em si mesma é o que concebemos nos corpos, uma vez deixados de lado todos os princípios da unidade, quer dizer, o que há de passivo, de onde nascem duas qualidades: *resistentia* e *restitantia vel inertia*. Quer dizer que um corpo não se deixa penetrar e cede, antes, a um outro, mas não cede sem dificuldade e sem enfraquecer o movimento total daquele que o impele. Assim, pode-se dizer que a matéria nela mesma, além da extensão, envolve uma Potência passiva primitiva. Mas o princípio da unidade contém a potência ativa primitiva, ou a força primitiva, a qual não se perde jamais, e persevera sempre em uma ordem exata de suas modificações internas que representam aquelas de fora⁵².

Trata-se de estabelecer de uma só vez a realidade de uma verdadeira “substância corporal”, e, de outra parte, sua irreducibilidade à matéria (e *a fortiori*, à extensão à qual Descartes identificava a matéria). Partamos do que é dado pelos fenômenos: uma substância corporal *A* (este corpo que se apresenta à percepção como algo de uno) manifesta-se inicialmente pela matéria dita segunda, por ser um resultado no qual uma multiplicidade de substâncias corporais *x*, *y*, *z*, etc., encontram-se reunidas ou agregadas. A mesma estruturação se reproduzirá, portanto, para cada uma das substâncias *x*, *y*, *z* que entram no agregado, e isso ao infinito. Mas essa massa ou matéria segunda de *A*, se se trata de uma verdadeira

substância, e não de um simples fenômeno como um arco-íris, deve possuir um princípio interno de unidade, análogo à alma, constituído pela potência ou força ativa *primitiva*. Novamente, cada princípio de unidade próprio a $x, y, z \dots$ é também uma das unidades cuja multiplicidade faz o agregado⁵³. Suponhamos que deixe de lado, por uma operação mental, todos os princípios de unidades, quer dizer, todas as forças primitivas ou enteléquias que intervêm em todos os níveis de organização da substância corporal: restará a abstração da matéria primeira, despida de qualquer forma, mas não de qualquer potência ou força, visto que, por detrás da negação ou do ato de deixar de lado que permite obtê-la, restam os caracteres positivos da impenetrabilidade e da resistência, potência ou força passiva primitiva.

O segundo documento que queremos mencionar parte não mais da divisão nocional da matéria em matéria primeira e matéria segunda, mas da dualidade que separa a mônada preeminente das mônadas subordinadas, segundo o mesmo jogo de passagem do singular ao plural:

“Se se toma a massa por um agregado contendo várias substâncias, poder-se-á contudo conceber nela uma substância una preeminente, quer dizer, algo de animado por uma enteléquia primeira⁵⁴. Além disso, na Mônada ou substância simples completa, uno à Enteléquia somente a força passiva primitiva referida a toda a massa do corpo orgânico, do qual as outras mônadas subordinadas situadas nos órgãos não constituem partes, mas são contudo imediatamente requeridas por ele, e concorrem com a Mônada primeira para a substância corporal orgânica, seja ela animal ou planta. Distingo portanto: (1) a Enteléquia primitiva ou alma, (2) a Matéria no sentido de primeira ou potência passiva primitiva, (3) a Mônada completada por aquelas duas, (4) a Massa ou matéria segunda, quer dizer a Máquina orgânica, para a qual concorrem

(53) Donde a questão de Sophie: como se pode colocar a unidade no plural e dizer “as unidades”?

(54) Traduzimos o mais literalmente o texto dado por Gehrardt, ainda que ele pareça mal estabelecido: lê-se “*seu entelechia primaria animatum*”, e preferiríamos “*entelechia primaria animatam*”, que permitiria traduzir mais simplesmente “...uma substância una preeminente, quer dizer, animada por uma enteléquia primeira” (N. do A.).

inúmeras Mônadas subordinadas, (5) o Animal ou substância corporal, que a Mônada dominante na Máquina torna Una⁵⁵.

Retenhamos a clareza enumerativa pela qual Leibniz reúne aqui os elementos completos do quadro monadológico e explicita através disso o que o texto precedentemente citado expunha de maneira mais cursiva⁵⁶. A reunião da enteléquia ou força ativa primitiva e da matéria primeira ou potência passiva primitiva constitui propriamente a mônada. Mas a multiplicidade, maior que todo número, *das* mônadas, faz a matéria segunda da máquina orgânica, que, sob a dominação da mônada preeminente, faz o animal. O duplo emprego, plural e singular, da noção de mônada, relativamente ao mesmo corpo, poderia sugerir uma dualidade de significação, instaurando um novo desequilíbrio ou uma nova dicotomia ontológica. Mas Leibniz reúne as duas vertentes funcionais da mônada pela teoria do que ele chama mônada dominante ou central: *as* mônadas de um corpo *A*, que fundam sua realidade derivada de composto, são hierarquicamente subordinadas à mônada dominante de *A*, que faz sua unidade de composição.

Essa relação hierárquica requer duas precisões: ela é absolutamente universal e é puramente ideal. Universal no sentido de que se encontra por toda parte em todos os graus de resolução da matéria segunda:

“Não há nenhuma Alma ou Enteléquia que não seja dominante com respeito a uma infinidade de outras que entram em seus órgãos, e a alma não está jamais sem algum corpo orgânico conveniente a seu estado presente⁵⁷.”

(55) Carta a de Volder, 1703 – GP II, p. 252.

(56) Reportemo-nos também aos *Principes de la Nature et de la grâce*, § 3 (que emprega a apelação de “mônada central”), e, mais sumariamente, *Monadologia*, § 70.

(57) GP IV, p. 564.

Mas essa dominação não implica nenhuma diminuição de existência da parte das mônadas subordinadas: a hierarquia não se exerce por nenhum “comércio” que restauraria as ilusões da interação causal transitiva entre substâncias. Trata-se sempre de correlações ideais fundadas sobre as perfeições de cada uma das mônadas, cuja variedade corresponde a seus graus de expressão ou de percepção mais ou menos distinta, ao qual corresponde a maior ou menor complexidade do corpo orgânico:

“A dominação e a subordinação, para as mônadas, consiste somente em graus de perfeição”⁵⁸.

A mônada assegura assim dois modos de integração: como mônada dominante ou central, ela confere por assim dizer “de cima” a unidade do agregado ou do composto e lhe dá a realidade de uma substância corporal, em um corpo orgânico. Ao mesmo tempo, o próprio agregado haure sua realidade derivada da multiplicidade somente “de baixo”, das mônadas que são suas unidades constitutivas. A idéia de uma hierarquia em que a mônada unificadora da substância corporal subordina sob si as mônadas implicadas no agregado vem aqui resolver a tensão entre essas duas funções, unificadora e realizadora, do mesmo conceito de mônada.

Concebe-se desde então que a universalidade da extensão da mônada faça reconhecer por toda parte vida e viventes. A vida, no sentido em que Leibniz a entende, consiste na percepção e no apetite, ela é “princípio perceptivo”⁵⁹; um ser vivo é “dotado de percepção”⁶⁰. “Há vida e percepção por toda parte”⁶¹, e, portanto, visto que “não há percepção sem órgãos [...]”, “tudo é pleno de corpos orgânicos”⁶². Assim,

(58) Carta a des Bosses, 16 de junho de 1712 – GP II, p. 451.

(59) Segundo a definição dada na carta a R. Chr. Wagner de 4 de junho de 1710 – GP VII, p. 530.

(60) “Cada ser vivo ou dotado de percepção permanecerá sempre como tal, e guardará sempre órgãos proporcionados” (a Sophie-Charlotte, 8 de maio de 1704 – GP III, p. 344).

(61) *Ibid.*, p. 343.

(62) Carta a Hartsoecker, 7 de dezembro de 1711 (GP III, p. 529).

“se há na Natureza outros corpos orgânicos vivos além daqueles dos animais, como há bem a aparência, e como as plantas nos parecem fornecer um exemplo, esses corpos também terão suas substâncias simples ou Mônadas, que lhes darão vida, quer dizer, a percepção e o apetite, ainda que não seja necessário que essa percepção seja uma sensação⁶³.”

O caráter de universalidade das mônadas como elementos últimos do mundo delas faz algo totalmente diverso das substâncias individuais no sentido do Discurso: destas não se dirá que eram os elementos do mundo (ou os “átomos da natureza”). Do ponto de vista monadológico, a noção completa da substância individual que é César ou Alexandre é substituída por um complexo orgânico, em que uma multiplicidade infinita de mônadas é subordinada a uma mônada dominante que faz dela a entelêquia ou força primitiva. É assim por toda parte, desde sempre e para sempre, segundo a universalidade dos lugares bem como dos tempos:

“Desde o começo do mundo, e por todo o tempo por vir, é sempre e será exatamente como aqui e exatamente como agora no fundo das coisas, não apenas com respeito aos diferentes seres, mas ainda com respeito a um Ser comparado consigo mesmo. Quer dizer que cada Ser vivo ou dotado de percepção assim permanecerá sempre, e guardará sempre órgãos proporcionados. A percepção, bem como a matéria, sendo universais segundo os lugares, o serão também segundo os tempos, quer dizer, não somente cada substância terá percepção e órgãos, mas ainda ela os terá sempre. Falo aqui de uma substância, mas não de uma simples reunião de substâncias, como poderia ser um rebanho de animais ou um viveiro cheio de peixes, em que basta que as ovelhas e os peixes tenham percepção e órgãos, ainda que seja preciso julgar que no intervalo, como na água do viveiro entre os peixes, haverá ainda outras coisas vivas, mas menores, e será sempre assim sem nenhum vazio”⁶⁴.

Nesse “viveiro cheio de peixes” que é doravante o universo, e que é ainda cada uma de suas partes ao infinito, os Espíritos conservam sem dúvida a indi-

(63) Carta a des Maizeaux (GP VII, p. 535).

(64) Carta a Sophie-Charlotte de 8 de maio de 1704 – GP III, p. 344.

vidualidade eminente que lhes concedia o enfoque teológico do *Discurso de metafísica*. Mas, como observava profundamente Baruzi, Leibniz procedeu a uma “crescente introdução do ponto de vista cósmico, fazendo atenuar mais e mais a maneira como ele entendia por volta de 1685 a preeminência dos espíritos”⁶⁵. Esta se distingue doravante sobre o imenso ruído de fundo da natureza em que a vida e o organismo são omnipresentes:

“Assim, não há nada de não cultivado, de estéril, de morto no universo, nenhum caos, nenhuma confusão, senão em aparência; mais ou menos como pareceria em um lago a uma distância da qual se veria um movimento confuso e um farfalhar, por assim dizer, de peixes do lago, sem discernir os próprios peixes”⁶⁶.

Tradução de Vivianne de Casilho Moreira

Revisão de Marcos André Gleizer

RESUMO

O artigo examina a constituição do conceito leibniziano de *mônada* segundo dois aspectos conexos: o aspecto da constituição genética e o da constituição sistemática. O primeiro investiga a formação do conceito de *mônada* mostrando como ele resulta de um trabalho complexo sobre a questão da realidade substancial dos corpos. O segundo, por sua vez, examina a consistência do conceito no corpo doutrinal, considerando a complexidade e as dificuldades resultantes do fato da *mônada* ser, simultaneamente, um átomo formal, o sujeito de uma força, uma realidade pensada por analogia e oposição com a idealidade matemática do ponto e da unidade, e uma vida.

Palavras-chave: *Mônada*, Forma substancial, Unidade, Átomo formal, Idealidade matemática, Força

(65) *Du Discours de métaphysique à la Théodicée*, *Revue Philosophique de la France et de l'étranger*, CXXXVI (1946), p. 404.

(66) *Monadologia*, § 69.

ABSTRACT

This paper examines the constitution of Leibniz's concept of monad according to two connected aspects: the genetic and the systematic. The first aspect investigates the development of the concept showing how it results from a complex work on the issue concerning the substantial reality of bodies. The second aspect, in its turn, examines the concept's consistency in the doctrine, considering the complexity and the difficulties that result from the fact that the monad is, simultaneously, a formal atom, the subject of a force, a reality thought by analogy and opposition to the mathematical idealities of point and unity, and a life.

Keywords: Monad, Substantial form, Unity, Formal atom, Mathematical ideality, Force

Recebido em 04/2006

Aprovado em 07/2006